

FELISBELA LOPES

DOCENTE RESPONSÁVEL PELA UC DE JORNALISMO ESPECIALIZADO

UM PRESIDENTE DA REPÚBLICA NO CENTRO DO AGENDAMENTO NOTICIOSO

O Presidente da República é o Presidente de todos. Sem promessas fáceis, ou programas que se sabe não poder cumprir, mas com determinação constante. Assumindo, em plenitude, os seus poderes e deveres. Sem querer ser mais do que a Constituição permite. Sem aceitar ser menos do que a Constituição impõe¹.

A 9 de março de 2016, ao lado do Presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, Marcelo Rebelo de Sousa está quase a concluir o seu discurso de tomada de posse como 20º Presidente da República Portuguesa. Até ali, não houve qualquer frase dirigida ao Governo, alinhado sob a tribuna central. Não haveria de se escutar qualquer referência até ao final da sua primeira intervenção como chefe máximo de um país ainda vergado a uma austeridade que o anterior Presidente não soube aliviar. Em todo o discurso, o *leitmotiv* foram sempre os portugueses. E a Pátria. “Por isso, aqui estou. Pelo Portugal de sempre”, concluiu. O primeiro-ministro António Costa não demonstrou melindre face a uma omissão bem sublinhada pelos comentadores políticos. Ambos são parecidos no modo algo descontraído como colocam o poder em cena. E isso ajuda a descomprimir ambientes onde a leitura política é corrosiva.

Foi da ordem dos princípios e dos valores que se urdiu o primeiro discurso de Marcelo Rebelo de Sousa enquanto Presidente da República. Garantiu “solidariedade indefectível” à Assembleia da República, prometeu ser um “guardião permanente e escrupuloso da Constituição” e fundou nos portugueses e em Portugal o compromisso solene que acabara de assumir. Esse patriotismo declarado num chão lusitano feito de longa memória tem um propósito permanente de continuidade na ação política

¹ Discurso da tomada de posse de Marcelo Rebelo de Sousa como Presidente da República.

de um chefe de Estado comprometido em fortalecer o tecido social e em promover consensos de regime. E aí a relação com o Governo torna-se decisiva. Por vezes, será simbiótica, o que ajudará o Presidente da República a fortalecer os seus poderes, algo que uma interpretação mais lata da Constituição da República Portuguesa lhe permitirá sempre. Marcelo Rebelo de Sousa também beneficiará de uma conjuntura particular em que o Governo é minoritário e os acordos à esquerda se revelam frágeis. Vivem-se tempos peculiares. O Governo é liderado pelo segundo partido mais votado (PS) e ancorado em acordos com partidos que nunca integraram a esfera do poder (Bloco de Esquerda, PCP e PEV). Poder-se-ia aqui imaginar que a Assembleia da República seria, nesse período, o centro de gravidade à volta do qual giraria todo o poder. Assim aconteceria, se em S. Bento não estivesse um António Costa tão hábil em negociações e Belém não fosse habitada por um Marcelo tão engenhoso em reconfigurar poderes. Por isso, as centralidades irão passar a estar em equilíbrio precário, com o Presidente a subtrair protagonismo à Assembleia da República e a substituir-se aos poderes do Governo. No fundo, a esticar em permanência um semipresidencialismo que a Constituição Portuguesa lhe impõe. E a tornar-se, ele próprio, o centro da vida política nacional. Sempre com grande destaque nos média nacionais.

Marcelo Rebelo de Sousa fez-se político nas redações dos jornais, tornou-se influente através do comentário político que ganhou novo fôlego na rádio e, anos depois, viria a conquistar uma colossal influência no espaço público através da televisão. Foi esse domínio do campo dos média que, em grande parte, lhe fez granjear a adesão dos portugueses à sua candidatura presidencial. Essa notoriedade mediática consubstancia-se igualmente na popularidade que Marcelo capitaliza junto das pessoas que com ele se cruzam e nos relatos jornalísticos construídos a partir daí. Ora, para que isso aconteça, é preciso sair de Belém, tornando esse centro um lugar nómade. Quer do ponto de vista geográfico, quer do ponto de vista temático. Marcelo Rebelo de Sousa desloca-se a muito sítios, conversa com muitas pessoas, fala de muitos assuntos.

Na Unidade Curricular de Jornalismo Especializado do 2º Ciclo de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho quisemos estudar a mediatização de que foi alvo o Presidente da República durante o seu primeiro mandato. Fizemos isso através da análise de jornais diários generalistas portugueses: *Diário de Notícias*, *Público*, *Jornal de Notícias* e *Correio da Manhã*. Os dois primeiros são jornais de referência e os outros dois apresentam uma linha mais popular. O nosso universo compôs-se apenas de

artigos jornalísticos publicados durante o primeiro ano do primeiro mandato do 20º Presidente da República, somando assim 908 textos noticiosos.

A recolha de dados foi efetuada com recurso às versões digitais dos periódicos em causa, selecionando-se os cadernos principais desses títulos e excluindo-se as secções de Local (no *Público*) ou Porto (no *JN*). O universo recolhido foi sujeito a uma análise quantitativa dos textos, feita através do programa de análise estatística de dados *Statistics Package for Social Sciences (SPSS)*, centrada em dois eixos de análise. O primeiro eixo de análise procura caracterizar o texto através das seguintes variáveis: tema em destaque, tipo de título (positivo, negativo, neutro), género jornalístico (notícia, reportagem, entrevista, perfil), agendamento (eventos públicos, situação em curso), tamanho do texto (breve, médio, extenso), tempo (antecipação, dia anterior, ponto de situação), lugar (dividindo o nacional por regiões e o internacional por continentes). O segundo nível de análise centra-se nas fontes de informação, analisadas do ponto de vista do leitor dos textos, não transportando o investigador para esse trabalho os conhecimentos prévios acerca de determinado indivíduo/documento. As fontes são caracterizadas quanto ao tipo (humana ou não humana), identificação (identificada, não identificada ou anónima), geografia e estatuto. O estatuto das fontes de informação é encontrado a partir de uma tipologia por nós criada e que nos permite saber se estamos a lidar com fontes oficiais, especializadas ou outras.

O resultado desta análise abre-se a partir daqui em textos assinados pelos próprios estudantes do 2º Ciclo de Ciências da Comunicação da Universidade do Minho.

Citação:

Lopes, F. (2017). Um Presidente da República no centro do agendamento noticioso. In F. Lopes (Ed.), *O Presidente da República em notícia: análise do primeiro ano de Marcelo Rebelo de Sousa em Belém* (pp. 4-6). Braga: CECS.